

do FMI, amanhã.

US\$ 2 bilhões, devendo estar acertados até o fim do ano.

DÍVIDA EXTERNA

Situação melhora. Dinheiro

Vêm US\$ 825 milhões do FMI. E o Banco Central diz que os atrasados do País cairam para

Até o final do ano, a situação das contas externas estará normalizada, segundo o diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano (foto): o volume de compromissos externos em atraso caiu para menos de US\$ 2 bilhões e a adesão ao novo empréstimo-jumbo alcançou US\$ 6.004 bilhões, na sexta-feira passada. Disse ainda que, no fim de junho, o débito com bancos brasileiros com agências no Exterior era de US\$ 7,08 bilhões, o equivalente a 9,3% da dívida registrada.

Madeira Serrano convocou a imprensa para dizer que a elevação da dívida renegociada com o Clube de Paris dos US\$ 2,4 bilhões para US\$ 3,84 bilhões não alterou o endividamento global do País. Segundo ele, o total da dívida junto aos bancos privados cairá US\$ 1,4 bilhão para compensar o aumento dos compromissos renegociados com os governos dos 18 países membros do Clube de Paris.

A redução das dívidas em atraso para menos de US\$ 2 bilhões, contra US\$ 2,53 bilhões ao final de agosto último, refletiu o acúmulo de disponibilidade de caixa e a rolagem da dívida junto ao Clube de Paris. Para "zerar" os atrasos e começar o próximo ano "com colchão de caixa", o governo espera o presidente do comitê de assessoramento da fase 2 da renegociação da dívida externa, William Rhodes, "bater o martelo" para fechar o novo jumbo de US\$ 6,5 bilhões, a tempo de os bancos privados anteciparem, antes do final do ano, US\$ 3 bilhões.

De acordo com as projeções do Banco Central, o Fundo Monetário Internacional liberará amanhã duas parcelas retidas do financiamento ampliado, no total de US\$ 825 milhões. Estes recursos servirão para pagar, amanhã mesmo, parte dos US\$ 1,09 bilhão do empréstimo-ponte que tomou no final de 1982 junto ao Banco de Compensações Internacionais (BIS).

Os bancos privados só desembolsarão os US\$ 1,58 bilhão retidos do jumbo de fevereiro último entre os dias 12 e 15 de dezembro. O dinheiro será empregado para liquidar a dívida de curto prazo de US\$ 1,2 bilhão com os próprios bancos privados e reduzir o total dos compromissos em atraso.

A eliminação total dos atrasados dependerá do fechamento do novo jumbo. Não existe uma data fatal para a assinatura do contrato do jumbo", disse Madeira Serrano, enquanto o presidente do banco, Afonso Celso Pastore, espera ter o empréstimo de US\$ 6,5 bilhões contratados no dia 15 do próximo mês para que a antecipação de US\$ 3 bilhões ocorra sete dias depois.

Para Madeira Serrano, importante é que "toda a orquestração" do jumbo termine até 31 de dezembro. Afirmou não ter condições de informar os bancos que ainda resistem à adesão ao novo empréstimo, mas garantiu que não passam de simples atraso nas respostas. Os grandes bancos "estão afinados com o Brasil e conhecem a importância da adesão ao programa brasileiro".

Até o final da semana passada, 15 dias após a data final de resposta ao convite de adesão ao jumbo, o País assegurara 92,3% do total solicitado. Segundo Serrano, "não há surpresa na montagem final do jumbo, uma vez que as últimas decisões são sempre mais lentas". Para compensar as respostas atrasadas, explicou que os bancos "podem apressar as formalidades" da contratação do empréstimo.



Revelou que os bancos brasileiros trouxeram para o País US\$ 6,91 bilhões em empréstimos em moeda e US\$ 168,4 milhões em financiamentos a importações, até junho último. Como o governo congelou, este ano e no próximo, as amortizações da dívida, os bancos brasileiros com agências no Exterior precisarão, até por questão de solvência, da manutenção pelos bancos estrangeiros de US\$ 6 bilhões em depósitos interbancários.

A exemplo do jumbo, falta fechar o pacote de US\$ 2,5 bilhões de créditos oficiais às importações brasileiras. O Eximbank, do governo norte-americano, participará com US\$ 1,5 bilhão, mas falta o comprometimento dos organismos dos demais países industrializados com a parcela restante de US\$ 1 bilhão.

Renegociação

O ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Pena, defendeu ontem uma ampla renegociação não apenas das amortizações, mas principalmente dos juros sobre a dívida externa, porque, se isso não ocorrer no próximo ano, o País, levando em consideração seu produto interno bruto de US\$ 310 bilhões, terá que crescer no mínimo 4% ao ano só para pagar juros.

O ministro não quis fazer previsões sobre o comportamento da economia em 1984, indagando: "Como vou fazer uma previsão desta, se não sei o que vai acontecer até o final do ano?"

Recuperação

Todos os japoneses que conhecem o Brasil acreditam na sua breve recuperação econômica, embora reconheçam que deverá haver um pouco de sacrifício. Esta é a opinião do presidente japonês da Ishikawajima, Ubukata Taji, que chegou ontem ao Rio e amanhã estará no Espírito Santo para a inauguração do alto-forno da Companhia Siderúrgica de Tubarão.

Quanto o País deve, segundo o governo dos EUA.

Em junho deste ano, o Brasil devia aos bancos americanos cerca de 20,4 bilhões de dólares, dos quais 40% venciam em um ano ou menos, 35% em um ano a cinco anos e 25% em mais de cinco anos, segundo a Junta da Reserva Federal (FED).

Do total, os bancos brasileiros deviam 8,5 bilhões de dólares, o setor público, 7,7 bilhões e os tomadores privados não-bancários, 4,4 bilhões, em números arredondados.

A dívida brasileira com os bancos privados dos Estados Unidos era inferior à do México em cerca de cinco bilhões de dólares. A dívida total da Argentina com esses bancos, em junho de 1983, era de 8,4 bilhões de dólares e a do Chile, de 5,6 bilhões. O total da dívida da América Latina e do Caribe era de 70,2 bilhões de dólares.

Além do México, só dois outros países deviam mais do que o Brasil aos bancos privados dos Estados Unidos: um é o Japão, com 22 bilhões de dólares de dívida e o outro o Reino Unido, com 53 bilhões.

Só aos nove maiores bancos dos Estados Unidos o Brasil devia em junho de 1983 cerca de 13,3 bilhões de dólares. Aos 15 bancos seguintes, em ordem decrescente, o Brasil devia mais quatro bilhões de dólares, aproximadamente. Assim, mais de 17,3 bilhões (quase 85%) da dívida bancária do Brasil se concentraram nas 24 maiores instituições.

A.M. Pimenta Neves, de Washington